Messias Barbosa Ramos

Tordia

Crônica vívidas de um curumim do interior

Copyright © Messias Barbosa Ramos
1ª Edição
Todos os direitos reservados
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte**,** constitui violação dos direitos autorais (Lei n° 9.610).

Editor Geral
Messias Barbosa Ramos
Revisão
Natália de Souza
Capa
Fredy Veras dos Santos
Fotografias
Messias Barbosa Ramos
Ronald Ramos Mourão
Imagens
Internet

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)

R175t
Ramos, Messias Barbosa — 1977 –
Tordia: crônicas vívidas de um curumim do interior / Messias Barbosa Ramos - 1ª Ed. – Maués/AM; Independente, 2020.
205 p. A5.
ISBN: 978-65-86507-22-5

1. Literatura Brasileira 2. Crônicas

I. Título.

CDD: B869



AGRADECIMENTOS

***In memoriam I*:** Teotônio Ramos, meu pai, pela dedicação e esforço despendidos em minha criação. A quem devo muito do que sou hoje.

In memoriam II: Aos tios Isaías Soares Barbosa e Francisca Ramos Barbosa pela paciência e colaboração nos momentos difíceis.

À minha mãe, Altina Ramos, cujo amor incomensurável mostrou-me caminhos.

Meus irmãos-professores, Miguel Ângelo e Raimunda Ramos, pelas letras iniciais da vida.

Ao sobrinho-irmão-amigo de infância Reinaldo Ramos pelas aventuras e conversas.

Ao irmão Fulgêncio Ramos pelas pescarias e caçadas e provimento de segurança naquele período.

A Natália de Souza pela revisão, críticas e sugestões realizadas. Também pela empolgação em ler os originais.

Meu reconhecimento a todos!

NOTAS DO AUTOR

Em 1866, o Lago do Máximo teve seu primeiro registro histórico como localidade através da pena do estudioso Agassiz que fez referências a espécies endêmicas, segundo ele, vistas somente naquele local. E está registrado no capítulo XII do livro “Journey in Brazil” publicado em 1868.

A comunidade do Lago do Máximo, organizada em torno de uma capela, escola e campo de futebol, existe desde os anos 1930, aproximadamente.

Nos anos 1950 ocorre a chegada da família Figueira Ramos à localidade proveniente do Paraná do Limão.

As missões católicas que atendiam ao pecuarista Luís Souza o fez construir uma capela em honra a São Sebastião, pois se tratava de uma promessa, como é costume secular.

Em 1981 foi comprado, pela Diocese de Parintins, o terreno onde foi construída a nova capela com a ajuda de doadores italianos. O trabalho foi realizado com mão de obra local sendo que a igreja forneceu cimento, telhas, pregos, tinta.

Em 1988 foi comprado mais um pedaço de terra para que fosse criado o campo de futebol do time da comunidade, o Cruzeiro do Máximo. O nome tem ligação direta ao marianismo.

A padroeira da comunidade é Nossa Senhora do Rosário que tem sua festa realizada na segunda semana do mês de agosto com encerramento no dia dos pais.

As famílias originárias tinham como cultura a dança do cordão de pastorinhas, inicialmente como promessa ao Menino Jesus e depois como marco da resistência cultural cabocla.

Em 1996 o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) redividiu os lotes de terras dos moradores antigos em áreas de até 30 hectares. Tal situação ocorreu devido a compra realizada pelo governo federal (Fernando Henrique Cardoso) de toda a área (denominada de Gleba Vila Amazônia) de um grileiro e político aliado ao governo. Então toda a área se tornou assentamento rural mesmo que os proprietários tivessem títulos definitivos com mais de 100 anos, portanto todos perderam nesse processo de redivisão.

Os comunitários desenvolvem desde ano 2000, com sucesso, um acordo de pesca para a preservação de espécies piscícolas e de quelônios. Anualmente é realizada a soltura de quelônios no mês de julho o que representa uma avanço ímpar na conscientização daquele povo quanto a preservação.

Atualmente a cultura está representada pelo boi Verdinho criado pelos professores e alunos da Escola Municipal São Sebastião que também já foi chamada de Rui Barbosa.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 10
PRÓLOGO 11
Olha os boto! 13
Pescando e mergulhando 19
Café 23
Tarrafiando na boca do Paraná do Ramos 28
Fazendo caniço 35
Desejado 40
“Sai por onde a galinha saiu! 46
Balançando 55
Caieira 61
Quando a comida sorriu 67
Jogos Olímpicos da escola São Sebastião 73
Recarregando as pilhas 80
Uma ajudinha ao compadre do papai 85
Uma música e uma ilusão na pescaria 92
Corre que dá pra pegar! 102
Vamo pra cidade no casquinho? 108
Caçando e achando 116
Futebol no Cruzeiro, um sonho 121
Xuxa 126

Um pepino do mato e a conquista? 131
Pilotando o ‘rodado de carroça’, um dedo partido..... 136
Tracajá no barranco 142
Conhecendo a comunidade do Máximo..... 146
Uma pavulagem, um pedaço de cana e um corte na canela.... 151
Um peixe faminto 157
Voltando da escola pela primeira vez sozinho..... 162
Seria uma onça? 169
Um braço quebrado… e pesnando no futuro 175
1988 – a despedida..... 179
Glossário 187


07/11/2009

APRESENTAÇÃO

O comportamento humano está intrisecamente ligado ao meio onde convive com pessoas de idades, tamanhos, ideias e compreensões de mundo diferentes.

Sendo este o primeiro livro do autor voltado as suas lembranças de infância em que traumas, aventuras, conhecimentos e compreensões da realidade momentânea vem a tona, relatar fatos, vivenciados e presenciados expõem um pouco mais o rico universo da realiadade das crianças criadas nas zonas rurais do Amazonas.

Aventuras diferentes das vistas na televisão, as dos curumins e cunhantãs amazônidos influenciam desde o jeito de andar até o falar regional com palavreado diferente e muito rico em significados. Quando adultos tendem a manter essa origem e nela também a simplicidade de ser amazonense.

As percepções de criança inseridas nos textos remetem a lugares descritos com atenção de modo a fazer o leitor entrar no universo de lembranças importantes para a formação do sujeito e comparação das modificações do lugar. Além de crônicas, também é revelado o modo de viver da comunidade do Lago do Máximo, abandonada por décadas de esquecimento do poder público.

A obra em sí não tem a finalidade de ser uma descrição fidedigna da realidade momentânea, mas promete registrar situações engraçadas ou simplesmente interessante aos olhos do autor.

Boa leitura.

O autor

PRÓLOGO

Um caboclo não nasce caboclo, nasce caboco e morre caboco. A diferença está no viver o dia a dia de dificuldades que exigem muito dos braços, tronco e pernas. Que exige muito da cabeça.

Um caboco tem por natureza a genialidade dos experimentos, da observação criteriosa de seu mundo e o aprendizado necessário para viver na adversidade. Um caboco dos anos 80 precisava de um rádio, de peixe, de puxirum, de futebol e de reza. Agradecer a Deus pela semana passada e pela vida mantida. Um caboco nunca pedia mais do que precisava, suas ambições eram criar os filhos para que fossem melhores que ele, para que lhes dessem honra e alegrias.

O nascimento de um caboquinho é sempre especial para a família, é mais um para ajudar na labuta diária, mais uma boca para alimentar também. Dar o nome é o momento menos traumático da relação familiar: se curumim tem o nome do pai ou dos avôs e se cunhantã tem o nome da mãe, das avós e todos começam com Maria. Se já passou dos cinco curumins o nome é mais criativo podendo juntar sílabas de vários outros nomes e terminando com ‘son’: Jalisneigson.

Desde bem cedo tem que andar para cumprir com suas obrigações. Aprende a nadar muito cedo também. O sinal da cruz, rezar a ave-maria e o pai-nosso são as primeiras lições da vida. Depois dessas vem o varrer a casa, o buscar água, cuidar no peixe, tomar banho e ir para a escola. Aprende ainda a se localizar no mato, conhecer fruteiras e identificar rastros de animais. A ser observador no caminhar e no falar. Aprende a obedecer.

Algumas famílias entendiam que o obedecer era com as ameaças constantes de bordoadas, já meu pai sempre cultivou a

paciência para ensinar e a parcimônia para economizar naqueles árduos tempos em que tudo nos era parco e controlado.

As atividades diárias eram tão necessárias quanto o respirar para que se pudesse ter alimentos e algum conforto no dia seguinte: encher o pote, apanhar lenha, fazer o roçado e plantar mandioca garantiam os recursos financeiros para o ano seguinte tanto quanto trabalhar o mês todo com a finalidade de receber o salário.

E ainda assim o caboco consegue viver e na sua vida diária ser feliz e agradecer por tudo.

Olha os boto!



No centro comunitário do Máximo é o local onde foram construídas a capela, a escola, uma “sédia pra forrózar” e o campo do glorioso Cruzeiro do Máximo. Esse local também é comumente chamado de ‘comunidade’ pelos moradores, não sei realmente o motivo para essa designação, porém suspeito que seja devido ser o local onde todos se reúnem para rezar ou, simplesmente, pelo costume de não chamar de centro comunitário, vá saber…

A área do adro da comunidade, nos anos 80, era de chão capinado e varrido, sobretudo em frente à igreja e ao barracão que também servia de escola. Voçorocas que iniciavam em frente ao barracão e seguiam até na porta da igreja, de onde, ao se juntarem, formavam um único rêgo que recebia toda a água da chuva e então direcionava para a ladeira. O relevo deste espaço era irregular e rachado como solos do sertão.

Correr na disputa de barra-bandeira, cemitério ou a disputa do cabo de guerra eram as atividades que costumávamos fazer no recreio ou ao final das aulas quando não tínhamos bola de futebol. Sob os

cajueiros estavam os “Tês” dos turites onde eram realizadas as disputas de bolinha de gude.

Nesse aspecto a organização do espaço para a construção das casas das pessoas, que quisessem ter uma na sede da comunidade, se deu a partir da margem do átrio. Então foi deixado espaço para circulação entre a escola, a capela e o barracão social. Em frente a esses prédios o terreiro era amplo e limpo e normalmente havia futebol das meninas depois das aulas. Na área dos fundos também tinha um espaço com bastante braqueara (capim alto que serve para alimentação de bovinos) onde estava o campo de futebol dos curumins. Somente a partir desses extremos é que foi permitido a feitura dos barracos.

A ladeira íngreme que acessava a capela e escola dava uma ideia da profundidade do lago em frente. Na cheia, além da cacimba cavada pelos moradores da sede da comunidade, a profundidade era grande, não necessariamente pela distância do fundo do lago em relação a superfície da água, mas pela comparação da altura da ladeira. A imaginação permitia entender que a “fundura” não tinha fim.

As margens do lago em frente a comunidade eram ocupadas por árvores altas e ramalhudas, com folhas grossas e outras com folhas finas, com galhos que se estendiam para dentro da água formando um adendo importante para nossos saltos e peripécias na água. E era cada pulo diferente que até dava cãibra nos olhos só de espiar.

Mais adiante, a umas dez braçadas para dentro do largo, uma toiceira de araçazinho ocupava uns trinta metros quadrados e seus galhos trançados formavam uma teia perigosa e muito resistente caso alguém engatasse no ato de mergulhar e passar por entre os caules. Um risco grande de ‘levar à breca’.

No tempo de cheia as águas do Máximo, além dos peixes que ali habitavam e reproduziam, era invadida por botos, tanto o tucuxi quanto o cor de rosa. Eles eram o terror dos pescadores que utilizavam malhadeiras na captura de alimentos, pois ao sentirem o pitiú dos peixes presos no arreio, as rasgavam e levavam o fruto da pescaria, deixando buracos enormes que demandavam tempo para serem costurados. Não raro, o desespero dos panemas era ouvido nas cabeceiras como um grito de raiva: "- Esses boto filho da pulíííííícia furou minha malhadeira!"

É sabido que quanto ao boto todo curumim do interior tem suas ressalvas quando encontra algum por onde navega. Essa desconfiança é uma mistura de anseio, medo e misticismo de tanto ouvir estórias de encantamento, sumiços e sonhos de parente com algum tipo de comunicação com o outro mundo. Nessas horas, todo curumim se arrepiava, pois a efusão de todas essas informações medos e crenças formavam um remoinho intenso que imediatamente era tornado em medo e receio daqueles seres desconhecidos e até mágicos, afinal quem nunca ouvira alguma proeza de um boto?

"- Disque, aquelazinha ali, filha do compadre foi se assear na beirada quando tava de 'bode' e o boto ficou boiando lá na frente da casa deles até que ela 'ficou buchuda'. Só num sei se ele emprenha curumim, mas cunhantã a gente já sabe"- diziam em tom de ironia e gracejo.

Com esses avisos era impossível não ficar preocupado com o boto, afinal o bicho era muito perigoso. Até emprenhava as cuironas acessas!

Quando as cunhantãs tinham a primeira menstruação o cuidado era redobrado para que nenhum boto soubesse que já tinha mais uma 'no ponto'. E era função do irmão caçula apanhar água para que ela tomasse banho dentro de casa. As mães as proibiam de sair no sereno, de fazer força, de agarrar em alguma planta no balcão. Diziam

que se uma cuirona de bode fosse plantar a roça ou agarrasse em alguma planta nova era certo que apodreceria. A menstruação era, não somente encarado como uma espécie de enfermidade, como ainda podia trazer coisas ruins tanto para a menina quanto para a casa onde morava.

Interessante era como elas próprias tratavam o assunto menstruação com frases nenhum pouco comuns devido ao tabu arraigado por gerações sobre essa questão. Ninguém falava diretamente no assunto, era sempre linguagem codificada.

- Bora brincar de barra bandeira?

- Num posso, manazinha.

- Por que já intão?

- É que eu tô gorada!

- Eu sei. Eu tava assim até ‘ontonte’.

- Pois é, intão, tá!

Nesse tempo duas famílias habitavam o centro comunitário do Máximo: a família da professora e a do pai do Virmilhinho, meu amigo que acabavam sendo parentes, pois o marido da professora era irmão da mãe dele.

Quando tinha um tempo, e a preguiça me deixava ir mais longe, eu ia para a comunidade brincar com eles. ‘Soltar papagaio’, ‘jogar turite’, jogar pião e pular n’água eram o que mais fazíamos.

Após uma tarde toda de diversão, ao olhar um para o outro, de imediato veio o desafio. Duvido tu ter coragem de pular n’água ali na ribanceira! Bem, quando um curumim começava uma frase como o termo ‘duvido’ era porque o desafio era acompanhado de incredulidade e não aceitar era perder toda a honra e se tornar chacota frente aos demais. Então descemos correndo a ladeira. Descer aquela

parede de barro e limo correndo era para poucos, somente os mais aptos e hábeis conseguiam. Descer correndo tinha uma finalidade: aproveitar o impulso da descida para cair de flechada na água e boiar o mais longe possível. Com o impulso o mergulho tinha que ser muito longo e era o início da peleja.

Em seguida brincamos de manja e então nos dirigimos para a toiceira de araçazinho que ‘estava no fundo’. Ali era o local ideal para descansar, ficar de ‘bubuia’ aproveitando o ‘banzeiro’ e saborear o araçazinho das ramas.

Repentinamente um esguicho próximo, “fuáááá´”, nos deixam perplexos. Viramos para saber a direção de onde vinha e não identificamos nada de anormal no meio das marolas. Quietos, ainda assim, com o coração acelerado, aguardamos mais um pouco. Silêncio. O vento uivava com seu assobio fino e constante. O banzeiro batendo na beirada que quando dissipava as ondas fazia o barulho de uma frigideira quente quando adiciona água, chuáaaa xiiii. Os cascos ora batendo um no outro, ‘gobrouuu, gobrouuu, gobrouuu’. Nada, nada nos dava pistas do que poderia ter sido aquilo.

Então quando a ansiedade já cessava, ouvimos dois esguichos próximos da gente e ao virarmos na direção do barulho identificamos dois botos rosa, os mais perigosos e furtivos, a menos de dois metros. Então nos dirigimos para dentro da toiceira de araçá esperando que eles fossem embora. Um de nós começou a rezar a ave-maria, o outro o pai-nosso e eu querendo encontrar uma forma de escapar dali. O medo só aumentava quando mais dois botos apareceram e nos cercaram. Imediatamente pensei nos casos de encantamento que já tinha acontecido na comunidade, pelo menos foi o que me disseram.

“- Tu sabes que o irmão do teu avô, pai do teu pai, que morava lá no Limão e duvidava disso, um dia saiu para pescar e desafiou um boto e quando ele voltou pra casa já tava leso, leso. Tu num duvida do boto, curumim!” Sempre que podia minha mãe dizia isso. - “Depois

de um tempo esse irmão do teu avô, pai do teu pai, saiu pra pescar e nunca mais ninguém viu ele, procuraro, procuraro lá no lago onde ele sempre ia e num acharo. Disque ele foi encantado!"

A preocupação naquele momento aumentou porque minha imaginação de 'encantamento' não era o mesmo da historinha de Alice no país das maravilhas, mas era o fato de não suportar ficar longe do meu pai por muito tempo. Mesmo que tivesse muito 'puruí e tucujá' eu ia sentir falta do papai.

E os botos nos 'arrudiando' na toiceira de araçá. O desespero aumentando assim como as rezas e promessas e então eles boiaram mais longe um pouco. Ao perceber esse distanciamento, optamos por mergulhar, um a um, em direção a ponte mais próxima. Primeiro foi o Virmilhinho que parecia uma sulamba mergulhando e boiou bem rente a ponte e de um salto saiu da água. Depois meu sobrinho saiu nadando rápido. Fiquei na toiceira, desconfiado que eles voltassem, com medo. Então vi um pouco mais para o meio do lago o motivo daquele ataque a nós: os botos perseguiam um cardume de "branquinhas" que tinha passado próximo de onde estávamos. Um susto e tanto. Quase que eu era encantado!